

SILVA, Alissan Maria da. Vou saravar terra que eu piso: O encontro com a terra no estudo da performance jongueira do Bracuí. Rio de Janeiro: UNIRIO; CAPES; Mestrado; Orientador Prof. Dr. Zeca Ligiéro.

### RESUMO

Na relação entre a fala de jongueiros entrevistados e valores filosóficos bantos - apoiando-se principalmente em estudos de Fu Kiau, Thompson e Ligiéro - o presente trabalho constrói argumentos para o entendimento de uma relação sagrada com a terra, que persiste viva e latente na construção da performance jongueira da Comunidade Remanescente do Quilombo de Santa Rita do Bracuí (Angra dos Reis, RJ). Na luta pela permanência em sua terra a comunidade se percebe no jongo, como síntese da própria identidade que se constrói a partir desta terra. E no encontro com a mesma, a pesquisa amplia seu olhar e passa a entender que se a terra é a própria existência e o jongo é síntese de si, perder esta terra - espaço de jongo - é perder a si próprio. Não ter esta terra é não existir e, por isso, o jongo e a luta se tornam amalgamados na construção dessas performances.

**Palavras-chave:** jongo. terra. Bracuí. valores bantos. performance.

### ABSTRACT

In the relationship between jongueiros speech interviewed and philosophical values Bantus - relying mainly on studies of Fu Kiau, Thompson and Ligiéro - this paper constructs arguments for understanding a sacred relationship with the land, which remains alive and latent in building performance jongueira of The Remaining Community of the Quilombo Santa do Rita Bracuí (Angra dos Reis, Rio de Janeiro). In the struggle to stay on this land the community sees itself in jongo, as a synthesis of his own identity, which is constructed from this same land. At the meeting with the land, the research expands its look and comes to understand that if the land means existence and jongo is the synthesis of who they are, losing this land - space jongo - is to lose oneself. Not having this land means do not exist and due to that, the struggle for land and jongo become amalgamated in building these performances.

**Keywords:** jongo. land. Bracuí. Bantu values. performance.

Na busca pelos meandros que constituem a performance jongueira da Comunidade Remanescente do Quilombo de Santa Rita do Bracuí (Angra dos Reis, Rio de Janeiro), a pesquisa de mestrado encontra a terra como fator preponderante da construção destas performances. Em linhas gerais, o Quilombo do Bracuí tem origem na doação de terras para um grupo de escravizados, antepassados de muitos dos atuais moradores, em testamento pelo Comendador Breves, fazendeiro e proprietário de escravos e vasta quantidade de terras da região do Vale do Paraíba. Na luta pela permanência nesta terra, a comunidade se percebe no jongo, como síntese da identidade que se constrói a partir desta mesma terra.

Estudos sobre o jongo apontam para uma forte relação do mesmo com magia e culto aos ancestrais no passado. Embora a comunidade tenha se demonstrado em sua maioria católica, e mesmo que, aparentemente, não tratem mais o jongo como uma prática ritual, a essência filosófica banto das origens daqueles que formaram esta comunidade estão arraigadas em suas práticas cotidianas. E no cerne destas percebe-se uma relação sagrada com a terra, que nada tem a ver com espaços religiosos propriamente ditos, mas sim a partir de um entendimento do espaço sagrado na tradição Kongo. Fu Kiau (1992) aponta que:

Sacred space is a complex, yet simple concept within and around us, today, because it represents one of the most importante aspects of life a living (*zingu/ mōyo ye zīnga*) a mūntu (human being) among the Kōngo would say. [...] A sacred place is a private or public spot where both mind (*ngīndu*) and body(*nitu*) are fed. (Fu Kiau: 1992,1-2)

Nessa lógica, os espaços considerados sagrados são muitos e diversos. São espaços que encaminham para a consciência, a compreensão e a sabedoria e podem ser desde lugares onde estão a magia e seus objetos artísticos e místicos, pelos quais poderosas vozes de seus criadores podem ser ouvidas, onde os entes queridos descansam com a morte, onde o poder de experiências e ensinamentos são irradiados, e até mesmo, pode estar na força, poder e criatividade emanados pela voz da população oprimida (Fu Kiau:1992).

*A terra... No corpo, no jeito de dançar... É porque a terra gira e a gente tá girando.* Perguntada sobre a relação do jongo com a terra a jongueira Celina relaciona o movimento dos giros dos jongueiros no centro da roda ao movimento giratório do planeta Terra. Em geral (e não via de regra), esse giro que os jongueiros executam sobre seu próprio eixo pode acontecer no sentido anti-horário, bem como o movimento giratório da roda quando se aproxima do seu término é nesse sentido, quando inclusive cantam *vou caminhar que o mundo gira*. A Terra, planeta “casa” dos seres humanos, também executa movimento giratório no sentido anti-horário sobre o próprio eixo - rotação – e em torno do sol – translação. A colocação de dona Celina nos introduz no cerne da filosofia Kongo.

A linha horizontal separa a montanha do mundo vivo de sua contraparte espelhada no reino dos mortos. A montanha dos vivos é descrita como “terra” (*ntoto*). A montanha dos mortos é chamada “argila branca” (*mpemba*). A metade inferior do cosmograma Kongo era também Kalunga e se referia literalmente ao mundo dos mortos como completo longa, dentro de si mesmo, e a completude que acontece com uma pessoa que compreende as maneiras e os poderes de ambos os mundos. (Thompson, 2011: 113)

Ligiéro e Dandara (1998) nos apresentam como símbolo da cosmogonia Kongo o ponto riscado *dikenga*, o mesmo cosmograma que Thompson (2011) e Fu Kiau (1980 e 1991) nos apresentam sob a denominação *Tendwá Nzá Kongo*. Nesse cosmograma Kongo, o progresso imortal da alma é representado pelos quatro momentos do sol (alvorecer, meio dia, poente e meia noite) – os quatro pequenos círculos nas pontas da cruz Kongo *yowa* - num movimento cíclico anti-horário indicado pelas setas. Esse movimento representa a reencarnação

e direta ligação entre o mundo dos vivos e dos mortos. A linha vertical é a linha do poder que conecta Deus acima – Deus, a masculinidade, o norte, o ponto alto da força de uma pessoa na terra está no topo; a água no meio; e os mortos, o ponto mais elevado da força sobrenatural, a meia-noite, o sul, a feminilidade está no fundo. A linha horizontal é o alvorecer- nascer - e poer – morte - do ser humano e representa a parede invisível que separa o mundo físico (a parte acima da linha horizontal) do espiritual (a metade abaixo da linha horizontal), a *Kalunga*.

Esse movimento circular anti-horário, está presente nas experiências performáticas de origens banto e arraigada na concepção de mundo destes jongueiros, embora que possivelmente sem este conhecimento mais aprofundado. A jongueira dona Marilda aponta que o jongo, em suas origens, pode ter sido uma performance ritual em favor dos mortos: *Em algum lugar eu vi escrito que o jongo na África era até uma dança fúnebre. Quando alguém morria, fazia aquela roda de jongo, então era uma dança fúnebre, agora para nós aqui o jongo não é isso não.* Sobre tal dado, na biografia de Silas de Oliveira (SILVA e OLIVEIRA FILHO, 1981: 38), há a referência ao sentido anti-horário nas danças do jongo como uma movimentação ligada ao desejo de regressão ao passado como uma possibilidade de renascimento.

A jongueira dona Natalina menciona a relação de contato do pé com a terra: *porque a gente sente o contato da terra no pé da gente, eu adoro muito andar descalço.* O contato dos pés com a terra estabelece uma relação em que o corpo é preparado para o contato com o sagrado. Os pés pisam, dançam, desenham sobre a terra interligando o corpo do dançarino ao solo do qual emana a ancestralidade, fazendo do corpo meio e forma de expressão para a comunicação sagrada, pois *o contato físico do corpo com elementos da natureza trazem referências ancestrais* (SABINO e LOUDY, 2011: 76). Nesse lugar, a terra é fator preponderante, pois como *ponto inicial e final*, nas palavras de Dona Marilda, é nela que a matéria do indivíduo morto “descansa”, se mistura e revolve à comunidade.

Fu Kiau (1992:4) apresenta quatro principais espaços sagrados coletivos entre os bantos: 1. *The village enclosure* 2. *The cemetery* 3. *Initiation sites* 4. *the Earth or the bundle of medicines*. (FU KIAU, 1992: 4). O cemitério – *The cemetery* - é um espaço sagrado, pois é considerado como a última casa (*lasting home*). Os mortos são energias vivas que estão presentes ao redor e entre aquela comunidade. Sua casa, o mundo mais silencioso, é uma das mais poderosas fontes de inspiração para muitos criadores. O povo africano respeita essa casa como sagrada porque é sua futura última casa também. No Quilombo do Bracuí, o cemitério é importante elemento de memória e identidade para a comunidade. É notório o sentimento em relação ao cemitério como uma área de pertencimento à coletividade deste grupo, como uma área de preservação e respeito. A perda desse território com a intervenção da administração municipal é relatada com tristeza e denota a perda de parte fundamental de si mesmos – a terra casa de seus mortos.

[...] (o Comendador Breves) Fez cemitério, negando que podia servir as pessoas particulares, só as da escravidão, só da fazenda, né? E a porta do cemitério, da Igreja, por exemplo, do cemitério, ficou do lado de cima da serra, apresentando que também só o povo do lugar poderia entrar. E as autoridades, a prefeitura não podia se envolver, que era um cemitério particular. (APCMMN/LABHOI/UFF, 01.0064, Manoel Moraes, 02/2007 apud MATTOS e ABREU, 2009: 39.)

*The village* corresponde à própria aldeia em si e que aqui propõe-se pensar como a própria comunidade jogueira quilombola. Segundo o filósofo congolês, o povo africano entende seu povoado como um espaço sagrado, principalmente o centro - uma *community open house* - onde problemas da comunidade são debatidos coletivamente, onde a juventude encontra seus líderes para aprendizado, onde princípios de vida e convivência são passados através da oralidade, onde o poder da coletividade é exercitado para que o patrimônio cultural seja mantido. Ora, não poderia ser esse o papel aludido à *Casa de Estuque*? A sede do quilombo, ainda em construção, cuja arquitetura circular é mais um dado na experiência de um movimento cíclico de coletividade, é um espaço construído pelo coletivo para o coletivo e que já abriga diversas atividades em prol dos mesmos objetivos da *community open house* – atividades culturais, festas, reuniões e decisões, encontros de trocas e saberes, entrevistas para pesquisas, cerimônias oficiais, espaço de diferentes tipos de oficinas e aprendizados no caminho de fortalecimento desta rede de memórias, construção e re-construção de identidades e também apropriação de diferentes instrumentos e estratégias necessários na ampliação dos horizontes de sua luta.

A terra em si é também sagrada, pois dela se podem extrair substâncias para a sobrevivência. Três áreas na terra têm especial interesse para o *nganga*: as florestas, os lugares onde há águas e as rochas. As florestas são tidas como templos vivos, pois 'dentro delas nós encontramos nossos ancestrs e suas sombras'; elas são o outro local onde os ancestrs têm morada. [...] Os lugares em que há fonte, águas paradas ou águas correntes são vistos como verdadeiros 'feixes de medicamentos', pois a água reúne vários elementos de fundamental importância no dia-a-dia do povo, além de participar na realização de curas, na preparação de sedativos e poções, e na liturgia. São sagrados os vales onde em que os rios fluem, as áreas úmidas cobertas por florestas e bosques, os brejos. Nesses lugares acredita-se que a terra respira mais intensamente. Pedreiras, rochas e rochedos são 'templos sem paredes', formados por seres silenciados pelas represas do tempo [...] As rochas seriam feixes de informação (*mambu*) acobertadas dentro da terra, o grande feixe de medicina, pela Kalunga, a energia viva totalmente completa. (LIGIÉRO E DANDARA, 1998:133-134).

No trecho que poderia ser uma escrita poética para a relação desta comunidade com a natureza, Ligiéro e Dandara sintetizam *The Earth* na combinação de seus elementos florestas (*forests*), águas (*wet spots*) e rochas (*rocks*). Entende-se aqui que *The Earth* é a conjugação de todos os valores sagrados em relação a terra aqui postos, pois ela abriga – é o tal ponto inicial e final. Os líderes iniciáticos –os *nganga* – conduzem os aprendizes ao mais alto e sofisticado conhecimento da vida e da vivência acumulada pela comunidade confiados a estas "bibliotecas vivas". Segundo Fu Kiau (1992:7), os mestres

são pessoas que não apenas sabem codificar e decodificar os princípios da vida, mas também ensiná-los corretamente. Esses são de certa forma os jongueiros velhos, referências de comportamentos e discursos de uma história de vida e luta construída a partir da terra. São mestres jongueiros, porém não sacerdotes e a iniciação a que conduzem não tem a ver propriamente com rumos de uma vida religiosa, mas sim na espiritualidade que está inerente ao jongo.

No encontro com a terra, esta pesquisa assume a ousadia de compreender que no Bracuí esse lugar iniciático – *The initiation sites* – acaba sendo uma junção de todos esses espaços sagrados que se territorializam no espaço de uma roda de jongo. Nas rodas de jongo do Bracuí diálogos cantados, tocados e dançados trazem à tona raízes plantadas em um determinado território – as terras da antiga Fazenda Santa Rita do Bracuí – onde vidas foram reconstruídas a partir de uma rede de memórias coletivas presentes e latentes. Portanto, sendo o jongo a síntese de quem são, perder esta terra - espaço de jongo - é perder a si próprio e por isso, esta terra sagrada é condição de existência deste corpo jongueiro – indivíduo e coletivo.

## REFERÊNCIAS

FU-KIAU, F. Kia Busenki. “Part I Conceptualization”. In: *Self – Healing Power and Therapy*. New York: Vantage Press, 1991.

\_\_\_\_\_. *Sacred space: An African Bantu Traditional View*. Paper presented at the SACRED SPACES, the Fourteenth Annual Expressions International Festival, 1992.

\_\_\_\_\_. *The African Book Without Title*. J.P., Cambridge, 1980.

LIGIÉRO, Zeca e DANDARA. *Umbanda: Paz, Liberdade e Cura*. Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 1998.

MATTOS, Hebe, ABREU, Martha (et alii). *Relatório Antropológico de Caracterização Histórica, Econômica e Sócio-cultural do Quilombo de Santa Rita do Bracuí*. Rio de Janeiro: UFF/INCRA-SRRJ, 2009. (MIMEO).

SABINO, Jorge e LOUDY, Raul. “De pé no chão”. In: *Danças de Matriz Africana: antropologia do movimento*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SILVA e OLIVEIRA FILHO, Marília T. Barboza da e Arthur L. de. *Silas de Oliveira, do jongo ao samba-enredo*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.

THOMPSON, Robert Farris. *Flash of the Spirit: arte e filosofia africana e afro-americana*; tradução Tuca Magalhães. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2011.